

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO



TEATRO
CARLOS ALBERTO
15—18 JUN 2023

qui+sáb—19:00
sex—21:00
dom—16:00

cenografia
Samantha Silva

figurinos
Ana Paula Rocha

desenho de luz
Pedro Nabais

assistência de encenação
Paulo Lage

interpretação
Djucu Dabó
Isadora Alves
Jorge Pinto
Sílvia Filipe

coprodução
Loup Solitaire, Teatro da Trindade, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, Cineteatro Louletano, Teatro das Figuras, Teatro Nacional São João

estreia 26 Mai 2023
Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão



dur. aprox. 1:15

M/16 anos

**José,
o Pai**
autoría e encenação
**Elmano
Sancho**

SOLIDÃO, ESQUECIMENTO, DOR E MORTE

ELMANO SANCHO

Em 2018, iniciei a trilogia intitulada *A Sagrada Família (José, o Pai, Maria, a Mãe e Jesus, o Filho)*, na sequência de uma bolsa de dramaturgia que me foi atribuída pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. Este projeto de longo curso conclui-se agora, em 2023.

O título faz alusão ao objeto presente nos três textos e espetáculos: a Sagrada Família, um pequeno oratório portátil com as imagens de José, Maria e Jesus. Na porta lateral esquerda, constam os nomes dos assinantes que pretendem acolhê-lo em suas casas. O culto remonta ao século xv e existe de forma residual em algumas aldeias do país. Receber a Sagrada Família é a oportunidade para seguir os ensinamentos da família “perfeita” de Nazaré. Este ideal inalcançável foi o ponto de partida de uma trilogia sobre as imperfeições, os vícios e as fraquezas da família, explorando assim o seu lado mais sombrio e infeliz.

A verdade é que as ficções dramáticas sempre se interessaram pelas famílias infelizes, basta lembrar os Átridas. Talvez porque, parafraseando Tolstoi, as famílias felizes nada têm de particular, ao passo que cada família infeliz é infeliz à sua maneira. Há sempre uma violência iminente na família, porque é o espaço mais íntimo que temos, e com a intimidade vem o amor, mas também a violência.

Os três textos são independentes entre si, ainda que complementares. Cada um aborda uma temática em torno da figura central retratada, mas há, evidentemente, pontos em comum: características das personagens, universo convocado, estética apresentada.

Em *Maria, a Mãe*, José está ausente. Em *Jesus, o Filho*, Maria e José, ainda que presentes, estão “ausentes”. Em *José, o Pai*, Maria está ausente.

O José de *Jesus, o Filho* não é a mesma personagem de *José, o Pai*. Ainda assim, é possível encontrar algumas similaridades,

o que me leva a supor que a apresentação consecutiva dos três espetáculos poderá, eventualmente, ser considerada outra obra artística, trazendo uma leitura adicional, impossível de obter através da apresentação separada e espaçada no tempo de cada um deles.

A forma como redigi cada texto poderá ter contribuído para estabelecer pontes mais evidentes entre eles. *Maria, a Mãe e José, o Pai* foram escritos em simultâneo. Só depois de definir bem estas duas figuras se tornou possível escrever *Jesus, o Filho*.

Procurei, em todos, preservar o mistério, confundindo as pistas e revelando uma ideia do conjunto apenas no final, para deste modo surpreender o espectador. As várias camadas desta narrativa de teor intemporal, em cruzamento, trazem uma tensão constante. Constroem-se histórias que vivem, até ao fim, da incoerência humana, e ao longo das quais cada personagem se vai revelando uma pessoa de carne e osso – diferente daquela apresentada inicialmente – mas também um espectro. Cada obra propõe um caminho de perda, de amadurecimento e velhice, de lucidez e insanidade. Um caminho a percorrer coletivamente.

“Crise” e “incomunicação” são palavras-chave para acedermos a *José, o Pai*. Ator velho e desempregado, José renuncia ao papel de pai, vítima de um mundo que exige novas formas de autoridade. Mas José – para onde convergem as figuras de Deus Pai e do Diabo – não pretende ceder o seu lugar. O espetáculo coloca em tensão os arquétipos da cultura patriarcal, as relações entre arte/performance e religião/ritual. O seu universo, predominantemente feminino, assenta na exploração da liminaridade e do inconsciente como fuga à caracterização estereotipada das personagens e à convenção clássica da ação dramática, abalando os vínculos de poder instituídos.

José, o Pai fecha uma trilogia pautada pela solidão, o esquecimento, a dor e a morte.

produção executiva
Eunice Basto

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor
de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
coordenação
Leandro Leitão

APOIOS À DIVULGAÇÃO



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

José, o Pai é um projeto financiado por



parcerias
ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal, ACEGIS - Associação para a Cidadania, Empreendedorismo, Género e Inovação Social, ADEB - Associação de Apoio aos Doentes Depressivos e Bipolares, ADSCCL - Associação de Desenvolvimento Social e Cultural dos Cinco Lugares, Associação AGUINENSO

Edição
Teatro Nacional São João

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
Sofia Berberan

impressão
Empresa Diário do Porto, Lda.

O que é que tu és ao pé de Jesus? Hã? Ou de Sófocles?

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis e
outros dispositivos
eletrónicos é incómodo,
tanto para os intérpretes
como para os espectadores.



© 2012 TNSJ



Loup
Solitaire



MEMBROS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

